

O ASSALARIADO E A EDUCAÇÃO

Valdir Soares Fernando

O assalariado tem um filho,
Filho esse metido a inteligente,
E que sonha com uma vida mais decente,
E não ser, como o pai, um andarilho;
E o pai esquecendo empecilho,
Esboçando esforço altaneiro,
Quis mostrar que o solo brasileiro
Dá origem a homens de valor;
Aconselha, protege e com amor,
Faz seu filho, à escola, ir primeiro.

E o filho para a escola é preparado,
Pega lápis e caderno pra contenda,
Qualquer coisa se pega pra merenda,
E ele sai com o matulão de lado;
Ao chegar na escola do Estado,
Não há aula, o mestre em greve está,
E o menino pra casa vai voltar,
Se ele fica sonhando com leitura,
O seu pai vai sonhar com formatura,
Num futuro que a Deus pertencerá.

Se há greve, não há mestre na sala,
Quando acaba a greve o mestre volta,
Em seu peito é grande a revolta,
Tudo vai se sentir em sua aula;

Vai também refletir-se em sua fala
Pois em seu contra-cheque vê tristeza,
Vai perdendo, o trabalho, a beleza,
E o ensino que é arte muito nobre,
Vai ficando, a cada dia, pobre,
E sem educação fica a pobreza.

Se nada consegue no Estado,
Vai tentar, então, o município,
Nota bem que é grande o precipício
As escolas que vê naquele lado;
Mas não dá por perdido o seu achado,
Vai lá dentro falar com o diretor,
Não encontra, lhe atende um assessor
Que lhe explica o ensino como é,
Que o mestre trabalha como quer,
Falta, atrasa e o aluno é perdedor.

Diz que ali é uma grande trapalhada
E ninguém exige resultado,
Se o currículo central é ofertado
Não completa é a linha trabalhada,
Para que gente pobre educada?
Favelado é faminto e é demente,
Necessário se torna, tão somente
Um ensino que seja curto o passo,
Já que é tão patente o fracasso,
Dessa massa-reserva tão dormente.

E o menino caminha em marcha lenta,
Termina o primeiro grau menor,
Do seu corpo vai caindo o pó,

E a cultura, aos poucos, o acalenta;
Dificuldade é muita que enfrenta,
Mas ele não fica desolado,
Se não está em colégio de Estado,
Tenta um outro, não pode é parar,
Se sonhar com um que é particular,
Acredita que, por Deus, será guiado.

Vai e volta ao ensino oficial
E descobre, assim, tanto problema,
Não consegue resolver o seu dilema
Pois não dispõe de qualquer capital;
Quando vê um anúncio no jornal:
No Colégio de Aplicação há teste,
A UFPE, logo, investe
No público ensino, acredite,
Mas o aluno lá é da elite,
Não entrada de pobre é incontest.

É chegado o mês da inscrição,
Chega gente de todo o lugar,
Todo pai, toda mãe quer colocar
O seu filho na "Casa da Instrução",
Que só cuida da boa educação
Iniciando o primeiro grau maior,
Mas no prédio ninguém fica tão só,
Pois a fila que é tão bem formada,
Começa bem cedo ou madrugada,
Já que a oferta de ensino é a melhor.

Saindo o resultado em edital,
Poucos riem, pro resto é muito choro,

Cinquenta e cinco aprovados formam o coro,
Nenhum vem do ensino oficial;
E a escola que é tida ideal,
Se garante à classe dominante,
O dominado só tem por um instante,
Sonho um que termina em pesadelo,
Se não entra no colégio-modelo,
No particular ele vai sofrer bastante.

Posto que uma surpresa se apresenta
Quando se matricula um menino,
Bem se vê que no solo nordestino
Valor de colégio não se agüenta;
Se insiste e mesmo assim enfrenta
Vem à mente uma grande indecisão:
Ou recua pra ter em casa o pão,
Ou faz do ensino investimento,
Vai o pão e vem o conhecimento
Pra o filho tornar-se um cidadão.

Aos trancos e barrancos, se termina
O primeiro e o segundo graus também,
E o menino caminha para o bem,
Firme e forte avança em sua sina;
Vem de novo a decisão ferina
Do garoto tentar a faculdade,
De novo vem a ferocidade
Se numa oficial não tem a vaga,
Vai deixando, a tristeza, a sua chaga,
E dos amigos que passam tem saudade.

Se numa oficial não tem sucesso
E para não perder ano letivo,
Vai tentar o Programa Educativo,
Se numa particular consegue acesso;
Aperta a barriga em excesso
Para poder pagar mensalidade,
De novo vem a ferocidade,
Vai vender o que tem a cada mês,
E cumprindo os preceitos do burguês,
Fica, então, o menino depenado.

No Programa Educativo Federal,
Como entrar, se não houver padrinho?
Ou, então, contra-cheque "bonitinho"?
Ou fiador que tenha potencial?
Se não conhece alguém que dê aval,
E que tenha uma certa influência,
Vai anaotando a sua incompetência,
A existência do "jeito brasileiro",
Que o direito anda ao lado do dinheiro,
E só ao grande Deus pede clemência.

Vende a calça, a cueca e a camisa,
Só não pode pra aula é ir nu,
E, da vida, já sente o couro cru,
Pega roupa de quem já não precisa;
Se trabalha, o chefe o inferniza,
Pois não gosta daquele que estuda,
Desse chefe não tem qualquer ajuda,
Mas vencer é um lema firme e forte,
Não entrega, a vida, à própria sorte,
E avança na trilha carrancuda.

Contudo, é chegado o grande dia
E recebe o canudo de papel,
Está frco, mas agradece ao céu,
Em seu peito vai chegando alegria;
E lembrando a grande covardia
Que o Sistema imprime ao cidadão
Segura mais forte o seu bridão,
Pois entende que para uma formatura,
Se se é pobre pior é a investidura,
Mas, ao menos, diploma tem na mão!

E passada a euforia do laurel,
Vem à tona outra realidade,
Do Sistema advém perversidade
E o diploma é de novo só papel...
Sentiu fome, e sede, e todo o fel
Necessários ao longo da jornada,
Ao chegar no final da caminhada
Se contemplam milhares de iguais,
Que por força das classes sociais,
Estudaram para o mundo e para o nada.

Muito embora no dedo anelar
Se vislumbre o grau superior,
O Sistema elege com rigor
Qual é o extrato a avançar;
E no novo caminho a trilhar,
É bem clara a grande divisão,
No discurso é dito: “meu irmão”,
No “debate” se vê a mais-valia;
E a subjacente ideologia
Aliena ou corrompe o cidadão.

No ensino dos órgãos oficiais
Certamente há áreas elitizadas,
Por "filhinhos de ricos" freqüentadas,
Pois por eles são procuradas mais;
Se o Estado mascara por demais,
A ação do poder na Educação:
Para poucos, o sucesso é a direção;
Para muitos o ensino é precário;
Prá milhões basta o mínimo salário;
E outros tantos se vêm em exclusão!...